

de
cada
dia

A PRESIDENTE

Quino



IGUANA

«O verdadeiro objetivo
da política é tornar
a vida confortável
e os povos felizes.»

Rousseau





ERRARE
POLITICUM
EST

Nota editorial da edição *Mafalda Presidente* (Lumen, 2022)

«Oh, que tempos tão prósperos estes em que vivemos», comenta a Mafalda logo no início deste livro. De olhar perdido sob o capacete militar e munida de metralhadora, bombas e granadas, parece avisar-nos de que o nosso tempo e a nossa sociedade são um campo de batalha difícil. E, de facto, assim era na convulsa década de 1960, em plena Guerra Fria, quando ela nasceu. Ao longo dos dez anos em que as suas tiras foram publicadas, a Mafalda refletiu sobre os grandes conflitos da época — a Guerra do Vietname, a corrida ao armamento, as tentativas da ONU em Genebra («capital do fracasso») de alcançar um acordo de desarmamento nuclear, o Castrismo e muitos outros —, mas também sobre as grandes transformações representadas pelo movimento feminista, a revolução social, os meios de comunicação, a sociedade de consumo ou o impacto dos Beatles na juventude.

Sempre acompanhada de um rádio, uma televisão ou um jornal, a Mafalda aprende que, dia após dia, as notícias parecem repetir-se: pobreza e fome, desigualdades, autoritarismos, conflitos bélicos... Uma situação que nem presidentes, nem

reis, nem papas, nem sequer as próprias Nações Unidas parecem conseguir evitar. Como bem diz a nossa sábia amiga, aos governantes «não se lhes pode dar um ano novo que eles estragam-no de imediato». Quem não gostaria, como ela, de ter um dia por semana em que os noticiários nos enganassem um pouco com boas notícias? Ou que bastasse apagar do mapa Pequim, o Kremlin e o Pentágono para vermos se, finalmente, conseguimos viver em paz? Mas a realidade é teimosa. «Situação dramática no Médio Oriente», «Mais vítimas no Congo», «Novo conflito racial nos Estados Unidos», «Distúrbios em Pequim», «Bombardeamentos no Vietname», anunciam as manchetes do jornal que a Mafalda lê a uma mosca, enquanto esta se esborracha contra um vidro, para de imediato lhe perguntar se ainda assim quer sair.

E, sim, como reflete a Mafalda e como Quino nos mostrou uma e outra vez nas suas tiras, a mosca, tal como a humanidade, deseja com todas as forças seguir em frente e ser livre. Eis o dilema a que o grande humorista argentino, sempre dividido entre o pessimismo e a esperança, voltou vezes sem conta ao longo da sua obra.

Como cartoonista comprometido com o mundo em que vivia, transformou a Mafalda e os seus amigos em aliados perfeitos para falar abertamente de política («essa má palavra»), expor sem dramatismos as suas preocupações e rir-se delas, transmitindo, ainda assim, uma lufada de esperança. Assim nasceu a menina de seis anos inconformista, solidária e reivindicativa que tanto fascinou Umberto Eco — «uma heroína do nosso tempo», como ele próprio lhe chamou —, uma rapariga sem papas na língua, que tudo questiona e que, tal como Quino, se coloca inequivocamente do lado da justiça social e dos direitos humanos, contra todas as formas de intolerância. E Quino rodeou-a de um grupo de amigos com quem joga aos *cowboys* modernos (aqueles que lutam para acabar com a pobreza, o racismo e a guerra) e com quem debate, de forma divertida e inteligente, as suas ideias de progresso e a sua perspetiva crítica. Juntos, ao longo destas páginas, procuram soluções para a paz mundial, o desarmamento, a liberdade, a cultura, o ambiente, a luta contra a fome, o analfabetismo, a apatia política ou a inoperância da Administração Pública. Juntos, põem à prova todo o seu engenho, compondo canções de protesto como «Os bons começam a ficar fartos» ou lançando propostas tão diversas como a criação de uma vacina contra

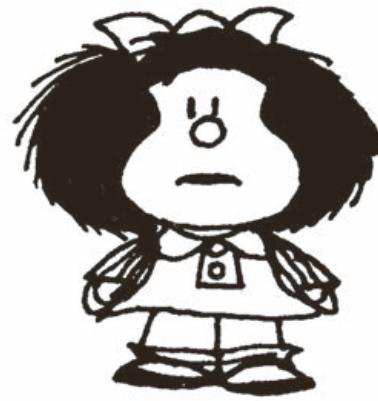
o despotismo, a nacionalização do país, a fundação do Ministério Afinal Onde É Que Vamos Parar, a nomeação de Joan Manuel Serrat como presidente, a implantação de um socialismo com fábricas de rebuçados e muitas mais. E recordam-nos a importância de nos respeitarmos e cuidarmos uns aos outros, de acreditarmos no futuro e de nos comprometermos a construir esse mundo melhor em que não seja tão difícil sair da cama todos os dias.

Hoje, mais de meio século depois de terem sido desenhadas, questionamo-nos mais do que nunca «se a vida moderna não terá mais de moderna do que de vida». O panorama do nosso querido «Bestioplanete» não é menos convulso do que aquele que calhou à Mafalda, e continuamos com vontade de o deitar e aconchegar com uma mantinha, como ela. Ao ler estas tiras, surpreendemos a sua insólita atualidade e enterneçem-nos os seus sonhos de paz e de entendimento, o seu desejo de subir a uma cadeira com uma lâmpada para nos iluminar com a sua filosofia sábia. E, com ela e os seus amigos, voltamos a perguntar-nos: «Porque não iniciar neste novo ano, e de uma vez por todas, a tão adiada construção de um mundo melhor? Hem?»

OH, QUE TEMPOS TÃO PRÓSPEROS
ESTES EM QUE VIVEMOS!



EU PODIA DAR A
MINHA OPINIÃO... MAS TALVEZ
SEJA MELHOR NÃO TOCAR
NO ASSUNTO, NÃO?















MAFALDA A PRESIDENTE: PORQUE ALGUÉM TEM DE PÔR JUÍZO NISTO!

Cansada da intolerância, de que o mundo esteja entregue à bicharada e de que não haja maneira de as pessoas se entenderem, a Mafalda dá o seu melhor na análise crítica da realidade política e social que a rodeia, com a mesma determinação com que discute com os pais ou se queixa da sopa.

Pela sua lupa, passam os conflitos internacionais, a pobreza, o estado do mundo, o desinteresse dos governantes, os direitos humanos ou a proteção do planeta. Todos estes temas são abordados pela Mafalda com uma franqueza desarmante e sempre com elevadas doses de humor.

A Mafalda não apresenta programas eleitorais, mas propõe algo ainda mais radical: um mundo mais justo, solidário e humano. Talvez seja essa clareza que faz dela uma voz indispensável e a melhor presidente de todos os tempos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@penguinlivros
@iguana_editora

ISBN: 978-989-589-470-3

